

3º Encontro Anual de Extensão Universitária
DESAFIOS PARA A CIÊNCIA, A TECNOLOGIA E A HUMANIDADE
NO MUNDO DA PANDEMIA

Mundos Possíveis

Área Temática: Cultura

Samara Lupion¹, André Rosa²

¹Acadêmica do curso de Artes Cênicas-Licenciatura em Teatro, contato:

sahlupion@gmail.com

²Prof.º do Depto de Música e Artes Cênicas – DMC/UEM, contato: alrosa@uem.br

Resumo. *Chão de Memórias é uma das ações do Projeto de Extensão Artes do Corpo e do Movimento do curso de Artes Cênicas - Licenciatura em Teatro, em decorrência da suspensão das aulas de graduação pela Resolução 004/2020-CEP, por conta da pandemia COVID 19. De forma virtual, esta primeira temporada se constituiu de seis episódios, e teve como tema central o artista-educador e a criação de mundos possíveis. Acionando memórias culturais e experiências, provocações foram feitas acerca dos saberes entre a arte e a educação, com o intuito de no coletivo, pensarmos estratégias para que as rachaduras se façam nos chãos das nossas existências. Assim, esta ação se mostra um espaço de resistência, luta e trocas que visa ecoar a pluralidade e necessidades dos corpos que não cabem nas narrativas hegemônicas e colonizadoras.*

Palavras-chave: Arte-Educação - Anticolonialidades - Subjetividades

O Chão

Chão de Memórias parte de questionamentos relacionados ao modo como estamos a habitar o chão do ofício de artista-educador-pesquisador nos dias atuais. De que maneira reinventamos esses chãos na criação de mundos possíveis? Foram seis encontros, com seis convidados/as de diferentes partes do Brasil, compartilhando caminhos e estratégias, repletos de obstáculos e desafios, do que é ser artista-educador-pesquisador em um país que ainda mantém as narrativas hegemônicas sustentadas pelas colonialidades que violentam, exterminam e subjugam os corpos.

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível (KRENAK, 2019, p.11).

Como nos aponta Ailton Krenak, escritor, líder indígena e ambientalista, os

3º Encontro Anual de Extensão Universitária
DESAFIOS PARA A CIÊNCIA, A TECNOLOGIA E A HUMANIDADE
NO MUNDO DA PANDEMIA

saberes produzidos por outros povos são invalidados, consequentemente, criando uma falsa ideia de superioridade que dita a produção e circulação de conhecimentos, indicando padrões que devem ser seguidos e quem tem permissão a aceder aos lugares de poder. Permeando, em grande escala, até os dias atuais, visto que “se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal” (ADICHIE, 2019, p.16), Chimamanda Ngozi Adichie, escritora feminista nigeriana, mostra como uma representação pautada por uma matriz de poder colonial, onde o homem/branco/hétero/cis/capitalista é posto no centro de uma narrativa unívoca e explicativa de mundo, é naturalizada e passa a forjar um imaginário que determina os espaços de poder pertencentes somente a eles.

Com isso, *Chão de Memórias* se configura como ação contra-hegemônica, trazendo experiências e memórias que não são narradas e reconhecidas (ainda) na história oficial, porém, em um ato de resistência e (re)existências são mantidas pelas nossas ancestralidades. O que nos dá a oportunidade de repensarmos quais referenciais estamos a utilizar para fugirmos da linearidade e dicotomias, impostas por opressões, que nos forçam a acreditar e naturalizar. Lembrando que um dia seremos os ancestrais de alguém, quais rachaduras queremos deixar? Nossos arquivos estão de forma integral no canal do Youtube *Chão de Memórias*, através do link: <https://www.youtube.com/channel/UC6aLaZweoi2G2uTIplEkbnQ>. Traremos, a seguir, uma síntese dos assuntos abordados em cada encontro e uma breve apresentação de cada convidado/a.

As Memórias

Em nosso primeiro episódio as provocações foram feitas por Eleni Souza Nobre, professora de arte da EE Prof. Darcy Vieira, Itapetininga/SP, e *performer* nas encruzilhadas das culturas populares afro-indígenas, tecnologias e corpos. Seus caminhos trilhados estão na abordagem das culturas populares no ensino de arte, o que está repleto de conhecimentos ancestrais e não-hegemônicos na ampliação dos corpos e dos marcadores sociais de raça, gênero, sexualidade, classe social, linguagem, e tantos outros. Utilizando as tecnologias como possibilidades metodológicas digitais na provocação da (re)existência em arte e educação nos cruzamentos com os saberes populares, colocando o corpo em ação, com ênfase no Côco de Roda.

Alexandre Cruz, ator, dramaturgo, diretor de teatro e cinema, e fundador da Casa de Teatro em Amparo/SP, se fez presente no segundo episódio. Expondo o desenvolvimento artístico e educacional de um grupo independente de teatro em um perímetro sociocultural interiorano por entre oficinas, montagens, apresentações, formação de público e atravessamentos com outras linguagens artísticas. Aceitando os desafios como uma possibilidade de criação nos 24 anos da Casa de Teatro - espaço portal e sede da Cia. Lázara de Teatro -, que impacta numa dimensão micropolítica das relações, do autoconhecimento, da cura e do contato com o fazer artístico. E numa dimensão macropolítica acerca das políticas culturais, em relação às condições de trabalho,

3º Encontro Anual de Extensão Universitária
DESAFIOS PARA A CIÊNCIA, A TECNOLOGIA E A HUMANIDADE
NO MUNDO DA PANDEMIA

manutenção e sobrevivência do artista-educador no interior.

O terceiro episódio se construiu com Iracy Vaz, encenadora, atriz, escritora e professora de teatro da Escola de Aplicação da UFPA. Indagando sobre a linearidade de uma história única, trouxe o redimensionamento da criação artística produzida nos espaços formais e informais da arte e da educação, questionando os lugares de poder que permeiam entre os termos “amador” e “profissional” na produção artística, inserindo-os em uma rede assimétrica de valoração estética em detrimento das camadas pedagógicas e metodológicas que toda criação em arte convoca. Debatendo a importância de desaprendermos para (re)aprendermos as possibilidades em outros saberes, invocando para as cenas pedagógicas-artísticas histórias não-lineares, desmontando os nossos próprios olhares colonizados sobre a produção e circulação de arte. Reconhece, assim, a pluralidade dos conhecimentos que estão além do paradigma ligado ao indivíduo ocidental e seu sistema racional-secular-cisheteronormativo, branco e capitalista que impõe a narração do mundo e suas relações.

Fátima Santana Santos, mestra pelo Programa de Ensino e Relações Étnicos-Raciais da UFSB e coordenadora pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos, em Lauro de Freitas/BA, foi nossa convidada deste quarto encontro. Com suas memórias culturais e afetivas compartilhou conosco as rachaduras de seu percurso enquanto criança negra e, agora, pedagoga/educadora/coordenadora de uma escola pública de educação infantil, o que permeia o reconhecimento das múltiplas manifestações culturais e artísticas afro-brasileiras que a cercam desde sua infância em um bairro periférico da cidade de Salvador/BA.

Como uma forma de luta, resistência e de reinvenção, o que a leva à proposição de metodologias anticoloniais, em um viés antirracista são os impactos socioculturais da arte no reconhecimento das políticas de identidade na educação infantil através de projetos, parcerias e ações entre comunidade escolar e familiar, na criação de mundos possíveis e, sobretudo, na potência da desmontagem das opressões interseccionais de raça, classe social, gênero/sexualidade, espiritualidade e produção/circulação de conhecimentos.

As provocações do quinto episódio se deram com Letícia Rendy Yobá Payayá, ativista no Coletivo Mulheres Indígenas Lutar é Resistir, historiadora e pesquisadora do Núcleo de Estudos de História Oral (NEHO), especialista em Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas para Educação (Lei 10.639 e 11.645), militante na Formação para Professores sobre História e Culturas Indígenas e Arte-Educadora na periferia de São Paulo no Coletivo Agora Vai Jardim Jaqueline com o *Cine Sarau Jacó*. Com toda a restrição existente do nosso imaginar, as possibilidades dos nossos sonhos de mundos diferentes nos é violentada e retirada diariamente. Nossa convidada nos faz repensar, a partir da sua autoafirmação como indígena da etnia Payayá, a importância do ensino das histórias e das culturas indígenas nos contextos educacionais e artísticos, já assegurado pela Lei Federal nº11.645/2008.

Entre a arte e a educação, as ações do *Cine Sarau Jacó* se desenrolam, pelas

3º Encontro Anual de Extensão Universitária
DESAFIOS PARA A CIÊNCIA, A TECNOLOGIA E A HUMANIDADE
NO MUNDO DA PANDEMIA

quebradas do Jardim Jaqueline, uma das tantas periferias da cidade de São Paulo, onde narrativas e formas de contar a vida se emaranham pelas subjetividades de cada habitante, que emerge a cada montagem e desmontagem das exibições cinematográficas. As culturas indígenas nos arremessam para curas, ensinamentos e potência que ativam e desmontam o indivíduo (neo)liberal moderno, pois permanecer vivo tem sido um ato coletivo e ancestral de resistência dos povos originários. Este encontro nos deixa o questionamento de como garantir que esses conhecimentos e modos de gestar a vida estejam em nossos cotidianos artísticos e educacionais, em nossos currículos e ações culturais, limpando-nos dessa miopia e catarata social de mais de 500 anos.

E por fim, nosso sexto e último encontro se desenvolveu com Carolina Garcia Marques, atriz-marionetista, diretora e produtora cultural, educadora somática Feldenkrais da Faculdade Angel Viana/RJ, arte-educadora da equipe de gestão da Escolinha de Arte do Brasil (EAB/RJ), e gestora do Espaço de Residência Artística Vale Arvoredo/RS. Com todas suas vivências e repertórios, Carolina traça rabiscos do seu corpo-experiência por entre os espaços não-convencionais de ensino e aprendizagem - alguns de importância histórica -, (re)configurando-os como espaços educacionais e de trabalho para o artista-educador na atualidade. A sua atuação e dedicação ao teatro de formas animadas amplia conjunturas, metodologias e possibilita estratégias de continuidade na formação do artista-educador-pesquisador. Finalizando essa temporada, de grande potência, questionando por onde estamos pisando e vivendo nossos espaços, corpos e chãos.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
